



ARQUIDIOCESE DE
RIBEIRÃO PRETO



15ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral - Palavra - Pão - Caridade - Ação Missionária

*"Eles eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos,
na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações" Atos 2,42*

Instrumento de Trabalho

(Segunda Edição – Versão Digital)

<http://www.arquidioceserp.org.br/>



Apresentação

É muita alegria e esperança que coloco em suas mãos o Instrumento de Trabalho da nossa 15ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, a realizar-se no dia 24 de novembro de 2019.

Ele é fruto de um processo de escuta e de reflexão. Ele tem seu ponto de partida nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (DGAE) da Igreja no Brasil, 2019-2023. Nós, como Igreja Particular, em comunhão com toda Igreja no Brasil, assumimos o objetivo geral das DGAE 2019-2023: “EVANGELIZAR no Brasil cada vez mais urbano, pelo anúncio da Palavra de Deus, formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo, em comunidades eclesiais missionárias, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, cuidando da Casa Comum e testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude”.

Este Instrumento de Trabalho estrutura-se a partir dos 4 pilares que sustentam as comunidades eclesiais missionárias, a saber:

- Pilar da Palavra – Iniciação à Vida Cristã e Animação Bíblica;
- Pilar do Pão - Liturgia e espiritualidade;
- Pilar da Caridade - Serviço à vida plena;
- Pilar da Ação Missionária - estado permanente de missão.

Nossa preparação próxima para a 15ª AAP é o estudo e reflexão deste Instrumento de Trabalho. Na Assembleia vamos escolher os encaminhamentos práticos para a Ação Evangelizadora da nossa Arquidiocese de Ribeirão Preto 2019-2023. Conto com seu empenho, dedicação e colaboração.

Coloco os trabalhos da 15ª AAP sob a proteção de Maria, Mãe da Igreja e Estrela da Evangelização.

Ribeirão Preto, 31 de outubro de 2019.
Mês Missionário Extraordinário

Dom Moacir Silva
Arcebispo Metropolitano



Ponto de Partida

O Instrumento de Trabalho de nossa 15ª. Assembleia Arquidiocesana de Pastoral é fruto de um árduo, dedicado e comprometido trabalho de nossas Comunidades Paroquiais, Pastorais, Movimentos e Serviços. O “Momento da Escuta”, além de nos apresentar um diagnóstico dos trabalhos do Secretariado Arquidiocesano de Pastoral nestes últimos quatro anos, também nos apresenta luzes e pistas de quais caminhos devem ser percorridos em nossa ação evangelizadora a partir de agora.

Além das contribuições do “Momento de Escuta”, o presente texto conta com elementos colhidos em outros momentos de reflexão de nossa Igreja Particular de Ribeirão

Preto. A saber:

Encontro com Párocos de Ribeirão Preto: 26/09/2018

Capacitações Missionárias: Julho/2019

Atualização Teológico Pastoral do Clero: 28, 29 e 30/05/2019

Que este Documento nos ajude a escolher os melhores caminhos para a evangelização em nossa Igreja Particular de Ribeirão Preto. Que o espírito sinodal com o qual ele foi construído nos estimule a todos.

Objetivo geral

EVANGELIZAR
no Brasil cada vez mais urbano,
pelo anúncio da Palavra de Deus,
formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo, em
comunidades eclesiais missionárias,
à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,
cuidando da Casa Comum e
testemunhando o Reino de Deus
rumo à plenitude.

Os pilares

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023 (Documento 109 da CNBB), que iluminam e fundamentam a ação pastoral de nossa Igreja Particular de Ribeirão Preto em sua ação evangelizadora, refletem a realidade da evangelização no Brasil neste momento atual, identificando no meio urbano, apesar de seus desafios e angústias, a presença do Senhor, Ressuscitado e Vitorioso. Essas Diretrizes se constroem à imagem da Casa, em seu duplo movimento: entrada e saída. São esses os dois grandes eixos destas diretrizes: **comunidade e missão**. A Casa é a imagem daquilo que as Diretrizes chamam de *comunidades eclesiais missionárias*.

A Evangelização, no Brasil atual, assim como a Casa, precisa ser sustentada por quatro pilares. Por isso, em nossa Arquidiocese, em sintonia com a CNBB, não falamos mais em ‘urgências’, embora as reconheçamos, mas em pilares. São eles: Pilar da Palavra: iniciação à vida cristã e animação bíblica da vida e da pastoral; Pilar do Pão: liturgia e espiritualidade; Pilar da Caridade: serviço à vida plena; Pilar da Ação Missionária: estado permanente de missão.

As Diretrizes apontam para um ramo muito bonito, porque partem de uma perspectiva de encontro com Deus e com os irmãos, numa dinâmica de acolhida, de portas abertas, de ir ao encontro, de espera e acolhida ativa para formar as comunidades.



Pilar da Palavra

“Eles eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos” (At 2,42)

Fundamentação: Doc 109 – Nº 90, 92, 145, 146, 148, 149

Fundamentação

90. “Iniciação à Vida Cristã e Palavra de Deus estão intimamente ligadas. Uma não pode ocorrer sem a outra”. (DGAE 2015-2019, n.47). Os processos de Iniciação e a formação dos agentes evangelizadores precisam levar em conta as etapas que lhe são próprias: o querigma, o catecumenato, a purificação-iluminação e a mistagogia. Assim, esse itinerário, fundamentado na Sagrada Escritura e na Liturgia, é capaz de educar para a escuta da Palavra, para a oração pessoal (CNBB, Doc. 107, n.66) e para o compromisso comunitário e social.

92. O contato intenso, vivencial e orante com a Palavra de Deus confere à reunião da comunidade um caráter de formação discipular. O importante é o encontro com a Palavra que muda a vida e dá sentido ao ser e agir de quem é cristão, corrigindo posturas e aderindo ao modo de ser, de pensar e de agir de Jesus Cristo. O Evangelho passa a ser o critério decisivo para o discernimento em vista da vivência cristã.

145. A iniciação à vida cristã se refere, principalmente, à adesão a Jesus Cristo, não se esgotando na preparação aos sacramentos do Batismo, Confirmação e Eucaristia. Fundamenta-se na centralidade do querigma, o primeiro anúncio. “Primeiro” significa que “é o principal”, que sempre se tem de voltar a anunciar e a ouvir de diversas maneiras (EG, n.160). Este primeiro anúncio desencadeia “um caminho de formação e de amadurecimento” (EG, n. 160) que é o catecumenato, propriamente dito. Este é um tempo de acompanhamento em vista da iluminação da vida a partir da fé cristã. “Para se chegar a um estado de maturidade” (EG, n. 171). Nossas comunidades precisam ser mistagógicas, lugar por excelência da iniciação à vida cristã, preparadas para favorecer que o encontro com Jesus Cristo (DAp, n. 246-257, 278) se faça e se refaça permanentemente.

146. “A Igreja funda-se sobre a Palavra de Deus, nasce e vive dela. [...] O Povo de Deus encontrou sempre nela sua força e, também hoje, a comunidade eclesial cresce na escuta, na celebração e no estudo da Palavra de Deus” (VD, n.3). Essa centralidade da Palavra na vida das comunidades cristãs é fundamental para a identificação e configuração com a “Palavra [que] se fez carne” (Jo 1,14). Por isso, a Sagrada Escritura precisa estar sempre presente nos encontros, nas celebrações e nas mais variadas reuniões.

148. A *lectio divina* ou leitura orante da Sagrada Escritura é um meio privilegiado de contato com a Palavra, que não é letra morta, mensagem formal ou instrumento de estudo, simplesmente. Sem aceitar o subjetivismo na interpretação da Bíblia, é necessário abrir o coração para fazer dela alimento que, entrando pela mente, toque o coração, nutra o espírito, transforme a vida e seja o critério da experiência comunitária e da ação missionária.



149. A Sagrada Escritura é patrimônio comum de todas as Igrejas cristãs. É importante que ela se torne sempre fonte inspiradora de oração comum, de fraternidade e de conversão. Por meio dela, os cristãos, em suas variadas denominações, são convocados a se unirem, buscando, na prática ecumênica, seu único Senhor e caminhando para a superação do escândalo da divisão.

Luzes

- * Crescimento da abrangência sobre a catequese da Iniciação à Vida Cristã (IVC) nas comunidades
- * Busca de formação sobre a Iniciação à Vida Cristã (IVC)
- * Interesse das comunidades nas formações
- * A catequese de inspiração catecumenal envolve as famílias dos catequizandos, introduzindo-as na vida paroquial / comunitária
- * A catequese iniciática envolve os catequizandos na vida pastoral, fortalecendo-a
- * A leitura orante foi amplamente difundida e acolhida nas realidades pastorais e paroquiais
- * Estudos bíblicos de grande importância e conteúdo que ajudam as comunidades
- * Festival Santa Cecília de Música Bíblico-Litúrgica
- * Gincana Bíblica - Festival São Jerônimo
- * Catequese Matrimonial
- * Catequese Batismal – encontros com catequistas do batismo

Sombras

- + Apesar da divulgação, percebe-se grandes incompreensões sobre a catequese de inspiração catecumenal
- + Catequistas ainda resistentes ao modelo (catequese de inspiração catecumenal)
- + Comunidades que ainda não assumiram o modelo da catequese de inspiração catecumenal (a catequese ainda é chamada de catecismo)
- + Consciência fragmentária de uma catequese de inspiração catecumenal, confunde-se a aplicação da celebração do Rito de Iniciação Cristã de Adultos (RICA) com a Catequese de Inspiração Catecumenal
- + A Catequese Batismal precisa ter a mesma estrutura em toda a Arquidiocese
- + Foranias do interior: formações realizadas/concentradas em Ribeirão Preto (distância/dificuldade)
- + Falta de sintonia entre padres e catequistas



Encaminhamentos práticos

O que vamos assumir?

Diante das luzes e sombras do nosso “Momento de Escuta”, iluminados pelos encaminhamentos práticos das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023, do Instrumento de Trabalho, e das reflexões deste nosso dia de assembleia: quais encaminhamentos práticos nossa Arquidiocese deve assumir? **(indicar quatro)**

1. Revisar, a partir dos desafios do mundo urbano, o dinamismo das comunidades eclesiais missionárias, possibilitando que o anúncio de Jesus Cristo transforme pessoas, famílias, ambientes, instituições e estruturas sociais.
2. A apresentação, a comunicação e o anúncio de Jesus Cristo necessita ser cada vez mais explicitada, não apenas teoricamente, mas de forma concreta. Daí a importância da iniciação à vida cristã, a ser disponibilizada pela Igreja, tantas vezes quantas forem necessárias, inclusive para quem já tenha recebido os três sacramentos da iniciação cristã.
3. Incentivar iniciativas ecumênicas de encontros fraternos e de formação bíblica em nossas comunidades.
4. Difundir o acesso à Sagrada Escritura, assumindo-a como alma da missão (DV, n. 21). Cada pessoa não só deve ter uma Bíblia, como deve ser ajudada pela comunidade a fazer dela fonte de estudo, oração, celebração e ação. (Uso da Bíblia Sagrada – Tradução oficial da CNBB).
5. Priorizar pequenas comunidades eclesiais missionárias, ao redor da Bíblia, como fruto imediato da visita missionária. Reforçar e aprofundar a Leitura Orante da Palavra como método, e implantar círculos bíblicos para o contato pessoal e comunitário com a Sagrada Escritura. Para tanto, é fundamental a formação de lideranças leigas que possam coordenar, com espírito de mobilização e de oração, essas comunidades.
6. Implantar centros de estudo sobre a Palavra de Deus em todas as realidades da vida eclesial, (tanto na cidade de Ribeirão Preto, quanto nas cidades do interior) contando com o suporte dos cursos de teologia, dos seminários, das faculdades e universidades católicas.
7. Utilizar e aprimorar o potencial das redes sociais, desenvolver e difundir aplicativos, para que a Palavra alcance todas as pessoas em todas as situações.



Pilar do Pão

“Eles eram perseverantes (...) na fração do pão e nas orações” (At. 2,42)

Fundamentação: Doc 109 – Nº 93, 94, 95, 97, 160, 161, 162, 163

Fundamentação

93. Entre os primeiros cristãos, a comunhão se expressava principalmente na celebração da Eucaristia. Os vínculos anteriores e posteriores à Eucaristia suscitavam a partilha das dificuldades do cotidiano e o compromisso com o Reino de Deus. Os membros da Igreja, nas casas, eram instruídos a assimilar que a celebração comum da “ceia do Senhor” demandava a comunhão de todos com o Corpo e Sangue de Cristo. A celebração eucarística, memória do sacrifício do Senhor, alimentava a esperança do mundo que há de vir (1Cor 11,17-32). Essa realidade implicava em trilhar um caminho pascal, para viver no mundo sem ser do mundo (Jo 17,14-16).

94. A mesa está no centro da celebração da fé cristã. Esta é sempre ato comunitário, que exige presença, acolhida das pessoas, cuidado e afeto pelos outros. A comunidade eclesial tem na Eucaristia a sua mesa por excelência: memorial da Páscoa do Senhor, banquete fraterno, penhor da vida definitiva. Ela transforma as pessoas em discípulos missionários de Jesus Cristo, testemunhas do Evangelho do Reino.

95. A comunidade eclesial, como *casa* que nutre seus filhos é sustentada pela oração. Na comunidade de fé cultiva-se uma verdadeira vida de oração, enraizada na Palavra de Deus, tendo em Jesus Cristo, o orante por excelência e na Oração do Senhor o paradigma de toda oração. Pela oração cotidiana, os membros da comunidade se sentem consolados, redescobrem sua dignidade de filhos e filhas de Deus, tomam consciência de que são colaboradores de Deus na missão e são impelidos a saírem ao encontro das pessoas e à prática da misericórdia.

97. Na pastoral, é preciso superar a ideia de que o agir já é uma forma de oração. Quando confundimos agir com rezar, chegamos a abreviar ou dispensar os tempos de oração e de contemplação. Quando reduzimos tudo ao fazer, corremos o risco de nos contentar apenas com reuniões, planejamentos e eventos. Estes são importantes no cotidiano pastoral, mas não substituem a vida de oração. Ao contrário, devem decorrer dela e a ela conduzir. Muitas atividades podem facilmente levar os cristãos a caírem em tentações como ativismo, vaidade, ambição e desejo de poder. Nessa perspectiva, os agentes de pastoral correm o risco de se esquecer da dignidade batismal, como verdadeiros sujeitos eclesiais, reduzindo-se a meros voluntários.

160. A eucaristia e a Palavra são elementos essenciais e insubstituíveis para a vida cristã. Para que a comunidade de fé seja casa aberta para todos, exercendo o acolhimento ativo, a dinâmica da saída como conatural à sua existência, ela precisa se nutrir do essencial, daquele “Pão da vida” (Jo 6,35) que revigora para a caminhada rumo ao Reino definitivo. A liturgia é o coração da comunidade. Ela remete ao Mistério e, a partir deste, ao compromisso fraterno e missionário.



161. Em consequência, “as comunidades eclesiais que se reúnem em torno da Palavra precisam valorizar o domingo, o Dia do Senhor, como o dia em que a família cristã se encontra com o Cristo. O domingo, para o cristão, é o dia da alegria, do repouso e da solidariedade” (CNBB, Doc. 100, n. 276-277). Essa valorização do dia do Senhor exige ações concretas como: manter as Igrejas abertas; cuidar que haja clima efetivo de acolhida para aqueles que chegam; flexibilizar horários para atender as necessidades dos fiéis; oferecer oportunidade de participar da celebração da Palavra onde efetivamente não for possível a celebração eucarística; incentivar a criação da pastoral litúrgica; valorizar o ministério da celebração da Palavra de Deus; cuidar da qualidade da música litúrgica.

162. É necessário promover uma liturgia essencial, que não sucumba aos extremos do subjetivismo emotivo nem tampouco da frieza e da rigidez rubricista e ritualística, mas que conduza os fiéis a mergulhar no mistério de Deus, sem deixar o chão concreto da história de fora da oração comunitária. “A verdadeira celebração e oração exigem conversão e não criam fugas intimistas da realidade, ao contrário, remetem à solidariedade e à alteridade” (CNBB, Doc. 100, n. 279). A comunidade deve beber da riqueza da Reforma Litúrgica, a fim de evitar retrocessos que afetam a vida das comunidades cristãs que assimilaram as determinações do Concílio Vaticano II.

163. Em um tempo de individualismo extremo, em que o eu parece ser o centro de tudo, é preciso dar o salto para uma espiritualidade comunitária, na qual a oração pessoal e comunitária sejam abertas ao coletivo, especialmente aos que estão nas periferias sociais, existenciais, geográficas e eclesiais. “É necessário evitar a separação entre culto e misericórdia, liturgia e ética, celebração e serviço aos irmãos” (CNBB, Doc. 100, n. 275).

Luzes

- * Festival Santa Cecília de Música Bíblico-litúrgica: olhar voltado para a música litúrgica com qualidade
- * Uso de músicas litúrgicas mais difundido em nossas comunidades
- * Catequese e Liturgia – maior envolvimento da comunidade
- * Paróquias que se apresentam como “oásis de espiritualidade” oferecendo missas diárias, Adoração Eucarística, devoções marianas, Leitura Orante, sacramento da Reconciliação
- * Aprofundar a espiritualidade de comunhão em todos os segmentos eclesiais
- * Feira Vocacional; Encontro de Coroinhas, Acólitos e Meninas do Altar; Encontros Vocacionais (SAV/PV); Concentrações do Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão Eucarística; Romaria Arquidiocesana; Ano Nacional do Laicato

Sombras

- + Fragilidade da formação litúrgica nas Paróquias
- + Algumas comunidades tem sua missa “mais importante” em dias que não sejam o domingo
- + Pouco zelo pela homilia
- + Falta de formações acerca do espaço sagrado
- + Não valorização do Domingo como Dia do Senhor



Encaminhamentos práticos

O que vamos assumir?

Diante das luzes e sombras do nosso “Momento de Escuta”, iluminados pelos encaminhamentos práticos das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023, do Instrumento de Trabalho, e das reflexões deste nosso dia de assembleia: quais encaminhamentos práticos nossa Arquidiocese deve assumir? **(indicar quatro)**

1. Resgatar a centralidade do domingo como Dia do Senhor por meio da participação na Missa Dominical ou, faltando essa, na Celebração da Palavra. Somente situações excepcionais podem justificar a ausência nesse momento central da vivência da fé cristã.
2. Incentivar a piedade popular, valorizando a dimensão mariana e outras formas de piedade popular na evangelização e missionariedade da Igreja, historicamente construída e enraizada, como caminho de aprofundamento da fé e não apenas realidade meramente, cultural ou folclórica. A fé simples e encarnada deve ser acolhida e iluminada pela Palavra de Deus e orientações da Igreja. Assim, garante-se não apenas a identidade católica, como também se evita sucumbir diante das pressões do “mercado religioso”, com a criação artificial de devoções.
3. Valorizar o canto litúrgico, o espaço sagrado e tudo que diz respeito ao belo como serviço à vida espiritual. Nesse sentido, incentive-se a comunhão entre as pastorais da Liturgia, da Catequese, da Cultura e da Arte Sacra.
4. Respeitar o ano litúrgico nas suas especificidades, tanto no conteúdo quanto na forma. Deve-se tomar grande cuidado com celebrações peculiares realizadas para atender necessidades e interesses individuais, sem relação alguma com o tempo litúrgico em que ocorrem e que, por vezes, desfocam a importância da centralidade do Domingo e da participação na comunidade paroquial.
5. Zelar pela qualidade da homilia, cuidando para que a vida litúrgica lance raízes profundas na existência e na vida comunitária e social. “A homilia é o ponto de comparação para avaliar a proximidade e a capacidade de encontro de um Pastor com o seu povo. De fato, sabemos que os fiéis lhe dão muita importância; e, muitas vezes, tanto eles como os próprios ministros ordenados sofrem: uns a ouvir e os outros a pregar. É triste que assim seja” (EG, n. 35).
6. Trabalhar a espiritualidade paroquial: organicidade pastoral; interpastoralidade; trabalho em conjunto; incrementar a comunicação entre as pastorais; tornar os CPPs mais atuantes, possibilitando trocas de experiências e informações, gerando comunhão entre os agentes de pastoral.



Pilar da Caridade

“Eles eram perseverantes (...) na comunhão fraterna” (At2,42)

Fundamentação: Doc 109 – Nº 102, 104, 106, 108, 109, 110, 171, 172, 173

Fundamentação

102. Na fé cristã, a espiritualidade está centrada na capacidade de amar a Deus e ao próximo. Rezar e servir, amar e contemplar, são realidades indispensáveis para o discípulo de Jesus Cristo. Sem oração não existe vida cristã autêntica. Sem caridade, a oração não pode ser considerada cristã. Quando se contempla Deus percebe-se a beleza do pequeno e do simples, e se educa o olhar para ver as necessidades do outro. Somente um olhar interessado pelo destino do mundo e do ser humano permitirá experimentar a dor pela situação que rege a história, mas que é superada pelo amor de Deus que a envolve. Somente contemplando o mundo com os olhos de Deus, é possível perceber e acolher o grito que emerge das várias faces da pobreza e da agonia da criação (LS, n. 53).

104. As questões sociais, a defesa da vida e os desafios ecológicos da atual cultura urbana globalizada têm que ser enfrentados pelas nossas comunidades e também pelas Igrejas particulares, em nível local, regional e nacional, em uma postura de serviço, diálogo, respeito à dignidade da pessoa humana, defesa dos excluídos e marginalizados, compaixão, busca da justiça, do bem comum e do cuidado com o meio ambiente. Trata-se de “chorar com os que choram” (Rm 12,15). “Saber chorar com os outros: isto é santidade” (GeE, n. 76). “Não sejamos uma Igreja que não chora diante desses dramas de seus filhos jovens. Nós queremos chorar para que a sociedade também seja mais maternal para que, em vez de matar, aprenda a dar à luz, para que seja promessa de vida. Choramos quando recordamos os jovens que já morreram pela miséria e pela violência, e pedimos que a sociedade aprenda a ser mãe solidária” (ChV, n. 75).

106. A evangelização do mundo urbano não pode prescindir da questão do trabalho. “O trabalho humano é uma chave, provavelmente a chave essencial, de toda questão social” (LE, n.3). A solidariedade com quem sofre as consequências do desemprego e do trabalho precário, é, pois, uma expressão importante de caridade, devendo se manifestar pela atuação organizada dos cristãos leigos e leigas.

108. O Papa Francisco insiste em dizer que deseja uma “Igreja pobre para os pobres” (EG, n. 198). Trata-se de superar as ambições, o consumismo e a insensibilidade diante do sofrimento. Afirmou Bento XVI: “A opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com a sua pobreza” (DAp, n. 3). Todos os cristãos devem buscar uma vida simples, austera, livre do consumismo e solidária, capaz da partilha de bens: “ser pobre no coração: isto é santidade” (GeE, n. 70). Somente assim, a Igreja será “casa dos pobres” como proclamou São João Paulo II (NMI, n. 50), porque hoje e sempre “os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho”. Há que se afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres.



109. É missão da comunidade cristã a promoção da cultura da vida (DGAE 2015-2019, n. 64) através do enfrentamento dos desafios que a ela se impõe: a questão da violência e suas diversas faces; a falta de moradia digna; as condições que levam e mantêm populações em situação de rua e encarcerada; “a complexa realidade das migrações humanas”; o abandono e exploração das crianças e dos idosos; a falta de perspectiva para a juventude e a crise familiar; o complexo mundo do trabalho, da educação, da saúde, do transporte; as provocações do ambiente acadêmico universitário, da ciência e da tecnologia; as problemáticas que envolvem os meios de comunicação social e as novas mídias; e as questões concernentes ao incentivo de uma ecologia integral (LS, n. 137).

110. Contemplar o Cristo sofredor na pessoa dos pobres significa comprometer-se com todos os que sofrem, buscando compreender as causas de seus flagelos, especialmente as que os jogam na exclusão. A ausência de sentido para a vida é fonte de grande sofrimento. De fato, a correria do cotidiano, a exigência de metas e desempenho e a lógica da eficiência afetam a qualidade de vida na sociedade atual, cada vez mais urbanizada, individualizada e consumista. O vazio tende a colocar em crise o sentido da vida para muitas pessoas. A frustração, especialmente de jovens, emerge quando não se consegue alcançar o desempenho sugerido pela sociedade de infinitas possibilidades. Também os cristãos são afetados por essa crise de sentido que gera cansaço, depressão, pânico, transtornos de personalidade e até o suicídio. Essa situação ocorre porque se vive em uma sociedade que sustenta tudo ser possível, especialmente com o avanço das novas tecnologias.

171. Em atenção à Palavra de Jesus e ao ensinamento da Igreja, especialmente sua doutrina social, que iluminam os critérios éticos e morais, nossas comunidades devem ser defensoras da vida desde a fecundação até o seu fim natural. A vida humana e tudo que dela decorre e com ela colabora, precisa ser objeto da nossa atenção e do nosso cuidado: do nascituro ao idoso, da casa comum ao emprego, saúde e educação. O cuidado para com os direitos humanos, as políticas públicas que sustentam a sua aplicação, não de estar no horizonte da ação dos discípulos de Jesus, chamados a realizar as obras de misericórdia, tanto em âmbito pessoal, quanto comunitário e social.

172. “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo e nada existe de verdadeiramente humano que não encontre eco em seu coração” (GS, Proêmio, n. 1). Estas palavras do Concílio Vaticano II na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* continuam atuais e necessitam ressoar em nossas comunidades como um alerta para com esta solidariedade universal constitutiva da vida cristã. Todas as pessoas, especialmente, quando feridas pelas marcas da cultura de morte que insiste em existir devido ao pecado, estejam no âmbito do nosso olhar pastoral.

173. É cada vez mais comum em muitas famílias haver membros de várias igrejas e até de diferentes religiões. A mobilidade humana e as migrações favorecem a diversidade religiosa. A solidariedade pode ser vivenciada por todos, favorecendo o mútuo conhecimento e a valorização de tudo que nos une. Por isso, maior testemunho haverá se, na defesa da vida e no cuidado para que ela seja vivida com dignidade, os cristãos trabalharem juntos em projetos comuns.



Luzes

- * Retorno da Semana Social Arquidiocesana e do Grito dos Excluídos
- * Trabalhos sociais realizados pela Comunidade Missionária Divina Misericórdia (CMDM), pela Pastoral Carcerária e pela Pastoral da Sobriedade.
- * Fortalecimento da Pastoral da Educação
- * Ampliação dos trabalhos da Pastoral Universitária
- * Pastoral Carcerária: implantação da Associação Franz de Castro Holzwarth de Ribeirão Preto (ressocialização de egressos)
- * Comissão Arquidiocesana em Defesa da Vida ‘CADV’
- * Grupo Persona – reflexões sobre a dignidade da pessoa humana
- * Pastoral em Defesa da Vida: precisa ser difundida e fortalecida
- * Avanço nos trabalhos para implantação de uma Escola de Fé e Política
- * Paróquias se comprometem com ações sociais, embora, muitas vezes compreendidas como ação missionária
- * Consciência despertada para o cuidado com a Casa Comum
- * Trabalhos realizados com pessoas em situação de rua (embora existam muitos, estão desarticulados)

Sombras

- + Pouco avanço, ou nenhum, com casais em novas uniões – um trabalho junto a essa realidade se faz necessário e urgente
- + Pastoral Familiar confundida com “Movimentos de casais”
- + Ações sociais não são articuladas nas diversas paróquias e realidades diocesanas – falta de integração. Necessidade de identificação dos diversos trabalhos já existentes para maior empenho
- + Dificuldade em compreender as novas formas de exclusão e sofrimentos
- + Ecologia – falhamos nas questões ecológicas, até mesmo em nossas paróquias e festas
- + Ausência de um projeto social integrado



Encaminhamentos práticos

O que vamos assumir?

Diante das luzes e sombras do nosso “Momento de Escuta”, iluminados pelos encaminhamentos práticos das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023, do Instrumento de Trabalho, e das reflexões deste nosso dia de assembleia: quais encaminhamentos práticos nossa Arquidiocese deve assumir? **(indicar quatro)**

1. Promover a solidariedade com os sofredores nas grandes cidades como sinal privilegiado a interpelar e a permitir o diálogo com a mentalidade urbana. Fomentar ações para a Jornada Mundial dos Pobres (33º Domingo do Tempo Comum). Enquanto a cidade tende ao individualismo que acaba por excluir, a vivência do Evangelho necessita explicitamente gerar experiências de solidariedade e inclusão. Junto aos que sofrem, especialmente os que sequer têm direito à sobrevivência, a Igreja é chamada a reproduzir a imagem do Bom Samaritano (Lc 10,25-37).
2. Priorizar as ações com as famílias e com os jovens, como resposta concreta aos sínodos da família (2014 e 2015) e da juventude (2018), para que, sustentados e animados pela comunidade de fé, possam ser sal e luz, mantendo viva a esperança do Reino. A ação pastoral junto às famílias e aos jovens deve estar presente em todas as comunidades, abrindo-se espaços para diferentes formas de vivência da mesma fé.
3. Aguçar a atenção às inúmeras (DAp, n. 65 e 402) e novas formas de sofrimento e exclusão, nem sempre acolhidas pela ação caritativa e sociotransformadora até então desenvolvida. É preciso ousar ainda mais e transformar o acolhimento e a fraternidade da vida de comunidade em apoio para a resiliência e o encontro de novos rumos para a vida.
4. Encorajar o laicato a continuar o empenho apostólico, inspirado na Doutrina Social da Igreja, pela transformação da realidade a partir do engajamento consciente em todas as realidades temporais: política partidária, pastorais sociais, mundo da educação, conselhos de direitos, elaboração e acompanhamento de políticas públicas (CNBB, Doc. 105), o cuidado da natureza e todo o planeta, nossa Casa Comum. A Igreja deve ser a voz dos que clamam por vida digna.
5. Inserir na lista de prioridades das comunidades de fé o cuidado para com a Casa Comum, em sintonia com o magistério social do Papa Francisco e do Sínodo para Amazônia. Na medida da necessidade, implantar a Pastoral da Ecologia, na base da Ecologia Integral, que comporte um novo modo de estar e viver no mundo, pessoal e comunitário.
6. Apoiar e incentivar as pastorais da mobilidade humana em todas as esferas da Igreja, com presença junto a migrantes, refugiados, grupos nômades (ciganos, povo do mar, circenses e rodoviários) e turistas entre outros. Em um mundo que está todo em movimento, a questão migratória deve ser encarada com ânimo renovado.



Pilar da Ação Missionária

“Passando adiante, anunciava o Evangelho a todas as cidades” (At 8,40)

Fundamentação: Doc 109 – Nº 114, 115, 117, 118, 186, 187, 188

Fundamentação

114. Um mundo cada vez mais urbano, embora possa assustar, é, na verdade, uma porta para o Evangelho, e as comunidades cristãs precisam ter um olhar propositivo sobre essa realidade, cientes de que Deus “preparou uma cidade para eles” (Hb 11,16) (LF, n. 50-57). Ele é quem abre a porta da fé (At 14,27) (PF, n. 1) em um mundo plural e sedento de sentido e de vida plena, só alcançáveis em Deus. Ele sempre visita a humanidade: “Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, eu entrarei em sua casa e tomarei refeição com ele, e ele comigo” (Ap 3,20). Cabe especialmente à Igreja, como “sacramento e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG, n. 1; EM, n. 23b), guiada pelo Espírito Santo, incentivar a descoberta das sementes do Verbo, presentes nas várias culturas, e promover o encontro dessas culturas com Jesus Cristo, que as ilumina.

115. A missão é intrínseca à fé cristã, pois “conhecer Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria” (DAp, n. 29). Precisamos perceber que, “se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência, é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida” (EG, n. 49).

117. A comunidade expressa sua missionariedade também quando “assume os compromissos que colaboram para garantir a dignidade do ser humano e a humanização das relações sociais” (CNBB, doc. 100, n. 185) tais como: gestos de acolhida, amparo na tribulação, consolação no luto, defesa de direitos e sede de justiça. Isso pede que a comunidade missionária desenvolva a cultura da proximidade, do encontro e do diálogo com as diversas realidades. Merecem atenção especial os cinturões de pobreza em suas diversas formas, nas grandes cidades e demais regiões do país.

118. Para ser missionária, a comunidade eclesial necessita também se inserir ativa e coerentemente nos novos areópagos (CNBB, doc. 105, n. 250-273), dentre os quais se encontram as redes sociais. Com um olhar propositivo, é imprescindível reconhecer as oportunidades para a propagação do Evangelho que a cultura midiática oferece. São novos recursos, linguagens e meios para evangelizar. Entretanto, é indispensável agir com discernimento, pois “o próprio consumo de informação superficial e as formas de comunicação rápida e virtual podem ser um fator de estonteamento que ocupa todo o nosso tempo e nos afasta da carne sofredora dos irmãos” (GeE, n. 108). Além disso, possibilitam a difusão de notícias e informações mentirosas, as *fake news*, de forma rápida e com graves consequências para as pessoas, as comunidades e a sociedade. Nesse sentido, o Papa Francisco convida a tomarmos consciência de que “somos membros uns dos outros” (Ef 4,25). Por isso é necessário restituir à comunicação uma



15ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral
Instrumento de Trabalho

perspectiva ampla, baseada na pessoa, onde a interação é entendida sempre como diálogo e oportunidade de encontro com o outro. Uma comunidade é uma rede entre as pessoas em sua totalidade.

186. “Onde Jesus nos envia? Não há fronteiras, não há limites: envia a todos” (ChV, n. 177). Deve ser meta das comunidades cristãs consolidar a mentalidade missionária. A missão é o paradigma de toda a ação eclesial. Ela, então, precisa ser assumida dessa forma (EG, n. 15). Por isso, o Papa Francisco apresenta um modelo missionário para os nossos tempos: a *iniciativa* de procurar as pessoas necessitadas da alegria da fé; o *envolvimento* com sua vida diária e seus desafios tocando nelas a carne sofredora de Cristo; o *acompanhamento* paciente em seu caminho de crescimento na fé; o reconhecimento dos *frutos*, mesmo que imperfeitos; a alegria e a festa em cada pequena vitória (EG, n. 24).

187. O cristão é convidado a comprometer-se missionariamente, “como tarefa diária”, em “levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos”, de modo informal, “durante uma conversa”, “espontaneamente, em qualquer lugar”, “de modo respeitoso e amável”. O primeiro momento é o *diálogo*, que estimula a partilhar alegrias, esperanças e preocupações; o segundo é a *apresentação da Palavra*, “sempre recordando o anúncio fundamental: o amor de Deus que se fez homem, entregou-se por nós e, vivo, oferece sua salvação e sua amizade”; por fim, “se parecer prudente e houver condições, é bom que esse encontro fraterno e missionário se conclua com uma breve *oração* que se relacione com as preocupações que a pessoa manifestou” (EG, n. 127-128).

188. Só podemos nos imaginar comunidade de fé, que segue os passos de Cristo Jesus e busca nele o seu modelo de vida, se não vamos ao encontro do outro, no seu lugar concreto, anunciando o próprio Senhor com sua presença amorosa. Uma palavra que seja vida é a mais eloquente ação missionária. É esta presença e este testemunho que o mundo espera das comunidades cristãs. Um desejo de “cheiro de ovelha” deve permear toda missão e preparar o caminho para o anúncio explícito de Jesus Cristo.

Luzes

- * Ação no campo da Pastoral Universitária
- * Capelania Hospitalar
- * Ação no campo da Pastoral da Educação
- * Articulação para implantação de uma Escola de Fé e Política
- * Criação de alguns COMIPA's
- * Expansão da Ação Missionária Ribeirão Preto/Amazonas – padres, diáconos, leigos e seminaristas em ano pastoral
- * Pequenas ações missionárias foram realizadas nos diversos segmentos na comunidade paroquial
- * Novena de Natal revela-se como grande impulso para a ação missionária
- * Devoção Mariana (terço) rezado nas casas
- * Grupos missionários – “Igreja do Ir”
- * Regimento do CPP – incentivou a criação de Conselhos em diversas paróquias
- * Precisamos fazer de nossas pastorais pequenas comunidades eclesiais missionárias



* Semanas Missionárias; Infância e Adolescência Missionária (IAM); Missões dos Seminaristas (COMISE)

S o m b r a s

- + A consciência missionária mantém-se ainda bem frágil
- + Pouca articulação nas ações missionárias com jovens
- + Pouca divulgação da Ação Missionária Ribeirão Preto/Amazonas – pouco envolvimento
- + Falta de integração entre as pastorais e grupos paroquiais
- + Paróquias que só funcionam em “horário comercial”
- + Muitas comunidades ainda estão ‘estagnadas’ nos trabalhos com a juventude
- + A Igreja evangeliza os jovens ‘intra’, mas está muito distante dos jovens ‘extra’ (de fora)
- + Paróquias que não possuem grupos de jovens articulados

Encaminhamentos práticos

O que vamos assumir?

Diante das luzes e sombras do nosso “Momento de Escuta”, iluminados pelos encaminhamentos práticos das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023, e do Instrumento de Trabalho, quais encaminhamentos práticos nossa Arquidiocese deve assumir? **(indicar quatro)**

1. Investir em comunidades que se auto compreendam como missionárias, em estado permanente de missão, indo além de uma pastoral de manutenção e se abrindo a uma autêntica conversão pastoral (DAp, n. 366 e 370). Novos lugares, novos horários, linguagem renovada e pastoral adequada às novas demandas da população. Priorizar a pessoa como objetivo da ação missionária. A Cultura do Encontro deve ser o pano de fundo para a missão permanente.
2. Acompanhar de perto a realidade urbana com a criação de observatórios ou organismos semelhantes que percebam os ritmos de vida das cidades, suas tendências e alterações. Ler a cidade e compreender seus desafios para melhor e maior ação evangelizadora
3. Desenvolver os projetos de visitas missionárias a áreas e ambientes mais distanciados da vida da Igreja (...). Evitar realizar visitas únicas ou pontuais, destinadas apenas a apresentar a realidade eclesial já existente. Capacitar coordenadores e animadores para que a comunidade de comunidades seja realidade e não apenas projeto. A setorização não pode ser apenas uma multiplicação de missas e terço, mas a criação de um espaço de vivência e partilha da Palavra e da vida. Implantar e aperfeiçoar os Conselhos Missionários Paroquiais (COMIPA).
4. Dinamizar ainda mais as ações *ad gentes* com o intercâmbio além-fronteiras de discípulos e o revigoramento da experiência das Igrejas-Irmãs. Ampliar o apoio a Ação Missionária Ribeirão Preto / Manaus e Itacoatiara.



15ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral
Instrumento de Trabalho

5. Considerar uma prioridade pastoral histórica o investimento de tempo energia e recursos com os jovens. Formar acompanhadores de jovens, promover missões juvenis em vista da renovação de experiências de fé e de projetos vocacionais e abrir espaços para que os jovens criem novas formas de missão, por exemplo, nas redes sociais (ChV, n. 240, 241 e 246). Disposição em conhecer as novas juventudes; quem são, onde estão, o que fazem nossos jovens hoje. Usar das mídias digitais, onde estão os jovens, para alcançá-los. Divulgar mais a ideia e a proposta do Setor Juventude. Descobrir e investir, no Clero e entre os jovens, vocacionados para trabalhar com as juventudes e investir neles.

6. Valorizar como espaços missionários os hospitais, as escolas e as universidades, o mundo da cultura e das ciências, os presídios e outros lugares de detenção. Em espaços assim, a presença fraterna e orante é o ponto de partida para o anúncio e a formação de comunidades.



Conteúdo

Apresentação	2
Ponto de Partida.....	3
Objetivo Geral.....	3
Os Pilares.....	3
Pilar da Palavra.....	4
Pilar do Pão.....	7
Pilar da Caridade.....	10
Pilar da Ação Missionária.....	13